

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O dinheiro do Mestre Teofilo

O amearhar do trabalho—O delapidar dos roubos — As libras do filosofo — As acuseções aos monarchicos e o pecullo do sabio — A falta de credito dos governantes

O dinheiro que foi encontrado no espolio do Mestre Teofilo não devia nada a ninguem, tampouco era o fruto de crimes ou especulações. Em materia de limpeza de mãos, o homem tão conhecido era o varão probó. Jámais mergulhou em baixesas; filho do seu orgulho, limitava-se aos seus recursos, e, pelo que se vê, possuía até o superfluo. Acadrimárase ao passadio mais que modesto, vivia na pureza duma sociedade acaipirada, e, como abunhado por suas idéas, não podia sair dela. Todavia, dizia, bem altamente, o que pensava dos outros e açacalava suas armas para os ferir. Açambarcára a fama de mau; sendo antes o expoente duma conducta moral que as mentalidades prevertidas de hoje não compreendiam.

Os palavrões eriçados de coleras saidos de sua velha boca tinham exagêros, é certo, mas, no fundo, a maioria das vezes, ajustavam-se como peças proprias a este conubio de patifes com espertalhões. Não poupava os monarchicos, na sua furia ajacobinada. Teofilo vinha duma familia opulenta e miguelista, que perdêra grande parte de seus haveres com as guerras civis. De resto, as ilhas, chamadas o berço da liberdade, foram assaltadas mais do que se entregaram a D. Pedro.

Todos os seus males devia atribui-los, o filosofo, à perda daqueles

bens dos avós. Detestava os constitucionais, mas não os tratava por gente de mão baixa — pelo menos aos do seu tempo — como não se cobria de apontar alguns republicanos de pèchosos de ganancias, roçando pelo crime.

O que se pode assentar claramente é a origem honrada do seu dinheiro — dèsses 40 contos, em notas de Banco, topadas em sua casa, das 61 libras, 2 meia-libras, 3 moedas antigas, acções do Banco Lisboa e Açores — cuidadosamente escondido, tudo isto, com algum oiro estrangeiro e joias.

Como fôra honradamente ganho, êle queria-lhe muito. É que só os ladrões e os exploradores atiram o dinheiro pelas janelas. Ha dias, ainda, um moageiro — da raça que ele detestava — ofereceu uma joia de vinte contos à amante, e a mulher dum proprietario de fabrica de assucar fez durante tres meses, a fio, a despesa de tres contos mensais só em calçado, em certa sapataria proxima de Santos.

Ele amealhava e ninguem lho pode levar a mal; possuia aquele dinheiro, e, talvez avaramente, o contemplasse, gostasse de o vêr, como prova de suas labutas, mas, sobretudo, o que essas libras, essas notas, essas moedas de oiro, ali guardadas, representam, é alguma cousa que rebate e esmaga a afirmação feita no Parlamento quando da subida exagerada da libra a 153\$000 réis. Disse-se, então, que os monarchicos, não podendo fazer as suas incursões pelas fronteiras, as realisavam atravez das finanças e que a falta de numerario, o retraimento do dinheiro era obra sua, como se fosse possivel levar um partido a pensar do mesmo modo nos casos das finanças de cada um dos seus filiados.

Não foram os monarchicos. Teofilo era o seu grande inimigo; o antigo presidente da republica, o propagandista dum regimen ao qual tudo sacrificára, a tal ponto se apoderára dele a desconfiança, que guardava o seu peculio numa caixa, o salvava dos cofres dos Bancos, o desviava da circulação, num receio de bancarrotas, num pavor do dia de amanhã. As suas libras, que poderia trocar, se fôsse um vulgar avaro, para aumentar seu montão de notas, afundava-as em segrêdo, embocetava-as, receoso do abismal futuro que entrevia.

A resposta mais eloquente à accusação feita aos realistas deu-a a morte do grande republicano. Instintivamente procedêra assim, retirara o seu dinheiro da circulação ou fizera-o tomado de pânico? É esta a mais certa resposta a quem procure profundar os motivos do encontro dessa pequena fortuna.

Ele sabia como estas cousas caminham; não gritava ao publico as suas raivas contra os potentados da especulação, porque apenas o iam interrogar àcêrca de intrigas politicas, para o ouvirem dizer mal, para atirarem à publicidade suas arremetidas contra os correligionarios. Mas ouvissem-no na infimidade, à saida do Curso Superior de Letras, no seu

caminho, e escutariam uma voz tão irritada como a dum proleta israelita ameaçando o seu povo com os castigos do céu.

De resto, pensava o que outros honrados republicanos, e até dos que se bateram em 5 de outubro de 1910, não occultam, e, ainda ha dias, um deles, dêste modo, sintetizou:

— «Ha muitos especuladores; fizeram-se fortunas ignobeis; o povo está exploradissimo pelos de cima e pelos de baixo, pelos vendedores dos mercados e comerciantes a grosso e a retalho, todos os que já não param nesta balburdia gananciosa. A questão é económica, não é politica, e, na hora da justiça, não é só aos moageiros e seus afins que se devem exigir as fortunas e as contas, mas tambem aos que lhes consentem semelhantes posições. Ou são ineptos ou cúmplices, e, em qualquer dos casos, pagá-lo-hão.»

Se Teofilo não marcava tão precisamente a situação melhor se exprimia àcerca dos homens políticos, culpados do que êle chamava «a traição aos principios e ao povo», fórmula que passará de certo de sua boca morta para a dos acusadores num tribunal revolucionario.

O destino usa de singulares caprichos para demonstrar as mais estranhas cousas, e, foi assim, com o dinheiro acumulado por Teofilo, o mais republicano dos republicanos, no sentido da batalha dada ao antigo regimen, que quebrou as acusações feitas às culpas dos monarchicos na subida da libra.

É que quem tem dinheiro, muito ou pouco, guarda-o, esconde-o, enterra-o por falta de confiança em quem manda, como nas epochas tormentosas das guerras com medo da pilhagem dos invasores. Teofilo, que ganhára honestamente as economias, tinha na sua defesa a psicologia dos mais vulgares dos portuguezes que não dão aos seus governos a mais pequenina amostra de crédito.

Nas exequias dos Martires

O povo e os monarquicos — Necessidade de aproximações — Como as mulheres do trabalho encaram a republica — O que se ouve e o que não se faz — O programa do partido e a logica

Sete padres diziam missa em sete altares, diante dos quadros religiosos, em que havia figuras conforcidas de dôres e amarguras, os Santos presos de suplicios, Virgens chorando o filho morto, monges no desespero, faces asceticas, aureolas sobre frontes dolorosas. Era na igreja dos Martires e dois martires de sangue real se evocavam na presença de três mil pessoas, pois tantas eram as que enchiam o templo, transbordavam para o passeio, tomavam a rua, vestidas de negro, piedosamente.

Celebravam-se, nesse dia 1 de fevereiro, as exequias por alma de El-Rei D. Carlos e do principe real D. Luís Filipe e constatou-se que aumenta, de ano para ano, o numero de monarquicos, visto a assistencia a essas cerimoniaes funebres ir num crescendo. Dirão, com seus sorrisos scepticos, os republicanos, que não são semelhantes demonstraões garantias de vitórias e tambem que não é com aqueles velhos generais reformados, fidalgos decaídos de suas pompas e mesmo com os aristocratas cheios de riqueza, que se conduz o país à monarquia. Embora eu tenha visto inumeras capas e batinas no meio dessas decrepitudes, rostos energicos de soldados do Monsanto e do Porto, entre aqueles grupos de servidores do antigo regimen, deixo que se exprimam daquella modo os adversarios da realza. Cegam-se nas suas ambições, porque só de ambições pessoais vivem, e não vêem aquilo que com uma alegria profunda eu constatei: o povo ante as exequias por alma dos reis assassinados.

Sai da egreja e vi-o na rua; o que não pertencia à Causa olhava os que vinham do templo; parava-se, ficava-se ali e as mulheres, sobretudo as do trabalho, que por esse meio dia iam lanchar, as empregadas

de escritórios, dactilografias, costureiras, caixeiras, quedavam-se com as do baixo povo, vendedeiras e servas, comentando o significado daquele acto e fazendo as suas comparações entre a época dos reis e o descalabro a que fomos conduzidos pela republica.

Assim, com uma serenidade lamentosa, as suas vozes subiam e a não serem viragos — nas fileiras do regimen só elas proliteram — todas as mulheres portuguesas estariam de acôrdo dos males resultantes da preversão desse crime que nos afogou em sangue e na miseria.

Aquilo que no tempo da monarchia se condenava era, no fim de contas, o bem estar: o pão barato, o ganho limitadissimo, os generos sem altas e baixas de preços, filhos da ganancia. O impudor arvorado em sistema, os logares politicos entregues a insignificantes geradores do nosso descredito, isso veiu depois. As subsistencias, sobretudo, são as provas evidentes da nossa desesperada existencia em Portugal.

Se a monarchia não tivesse caído, a nossa situação seria hoje igual à da Hespanha. Teriamos, do mesmo modo, colaborado na guerra mas em condições honestas. Defenderiamos as nossas colonias de acôrdo com a Inglaterra — era esse o tratado feito com Eduardo VII — e não iriamos para as linhas da Flandres e da França ouvir dizer que já tinhamos comido as nossas possessões no *corne beef* fornecido como o sustento dum rebanho. Uma peseta vale, ao cambio de hoje, 4230, em relação ao nosso desacreditado dinheiro, e um libra 135000 reis. Pois não chegaríamos a esta miseravel baixa se a arma de Buiça tivesse ficado nas vitrines do espingardeiro Heitor e a do Costa no colre do advogado que hoje a possui como uma reliquia simbolica do seu poderio.

As mulheres, paradas em frente da igreja dos Martires não diziam isto nas suas vozes maguadas, lamentavam-se da falta de dinheiro para comprar o necessario, da tortura das surpresas diarias nas tendas e nos mercados, da ruina de seus lares, marcando unanimemente suas aspirações.

«Antes queria dez tostões antigos e a vida como estava, do que vinte mil reis de hoje.»

Uma o declarou; todas a aplaudiram e enquanto os monarchicos desfilavam no seu lucto, os grandes nomes surgiam, os trens e os automoveis rodavam, as velhas figuras decorativas passavam e as altas damas, compungidamente, se retiravam, mal imaginavam que em comentario, à sua piedade, no canto dos Martires, perto da Bertrand, em frente do templo, as portuguesas do labor falavam assim e os homens não lhes replicavam. Nenhum levantava a voz a contraria-las.

Durante algum tempo os realistas ali se detiveram, e à mesma hora, em quasi todas as terras do país, se celebravam missas por igual intenção e, naturalmente, saíam das bocas dos labutadores comentarios iguais.

O que tem prejudicado os meus correligionarios em relação ao povo,

é não o procurarem. A republica, tal como a tornaram, já irrita a massa productora e se o que se convenciou chamar a Causa traçasse o seu programma curto, singelo, verdadeiro e o espalhasse por oficinas, ruas, lojas, quartéis — e porque não nos navios de guerra?! — acabar-se-ia esse mal entendido entre as camadas dos humildes cujas mulheres amaldiçoam o regimen actual não só ali, no Chiado, à hora da missa, mas sempre e em toda a parte.

Esse programa, porém, teria que ser brevè e decisivo; nos seus paragrafos o combate ás plutocracias seria a principal clausula, o problema da habitação e da vida barata um dos seus fulcros e ainda as questões da regulamentação do trabalho. Sem isto pode haver simpatias dispersas, mesmo um geral sentimento contrario ao existente — o que se nota e eu ouço-o diariamente — mas triumpham os que estão perdendo o país, pela nossa inercia, pelo nosso alheimento, pelo nosso formalismo.

Um republicano illustre, que me encontrou a pouca distancia dos Martires, falou-me do meu combate aos exploradores, da minha amisade com operarios, da minha ancia de radical demolição das plutocracias, e sorrindo apontou o meu fato de luto e referiu-se à minha ida à igreja, achando pouco para taes aspirações de batalhador. Disse-lhe eu, que não reso com as palavras de toda a gente:

Fui pedir a Deus por Portugal, ao contrario de vocês que puzeram Portugal a pedir.

Respondi isto mas achei pouco; queria atirar-lhe com uma prova do bem que ao povo se deseja da parte dos caluniados realistas, aos quais os novos acontecimentos teem limpado das manchas lançadas sobre a sua acção na velha vida portuguesa.

Da comparação vê-se o cuspo da mentira a cair nos rostos dos mentirosos.

O Congresso radical do Porto

Os radicaes e suas aspirações — Pontos de contacto com a sociedade portuguesa — A falta de confiança e o fracasso — O programa que vive no nosso animo — Mais colheita de desilusões

A vitoria dos trabalhistas ingleses não terá na vida britânica, embora a modifique muito, a ação que viria dum programa executado pelos radicaes em Portugal. É que, embora chamados ao poder, a ação destes terá de ser revolucionariamente feita, mesmo severamente exercida.

Antes do Congresso, no Porto, encontrei o professor Lopes de Oliveira, uma das mais gradas figuras do partido e tais impressões trocamos que ele acabou, meio a serio, meio desconfiado, por me dizer: Devemos entrar numa combinação visto as suas ideas serem parecidas com as nossas. E porque não serão as de você parecidas com as minhas, embora só em certos pontos?

Nos *Fantoches* tenho proclamado a necessidade da liquidação parlamentar, funcionando o Congresso só em limitado tempo.

É pouco mais ou menos o que desejam os congressistas do Porto. Eles, porem, não falam da modificação eleitoral precisa para tornar legitimos representantes da nação: os deputados. Eu preconiso o sufragio universal para a eleição camararia e dos municipios ou a escolha dos representantes ao parlamento. Supressão das acumulações de empregos em Bancos, companhias, e empresas dos empregados do Estado, militares, ministros e deputados que já o conselheiro João Franco começara a determinar em 1907. Autonomia administrativa é a base do sistema desejado para o desenvolvimento do país, pois cada um pugnaria melhor por sua terra, o municipalismo voltaria e dele saíriam os representantes provinciaes à Assembleia Nacional. Um inquerito ás fortunas, feitas a seguir à guerra, era uma das minhas aspirações, e por sua execução combati quando Sidonio Paes governava. Fez-se o decreto, fecharam a Bolsa os alvejados e o ministro das finanças, Mendes do Amaral, deixava o poder, embora fosse o presidente a inspirador da lei. Faltou-lhes o apoio do proletariado em compensações que eu, então, expuz. Com os radicaes sucederá cousa parecida pois no seu programa falta o que eu determinara em relação ao operariado de todas as camadas tanto intellectuais como manuais, caixa de pensões e reformas de todo o salariado—que José Bedy escreveu comigo—o qual era tambem, embora noutras bases, das intenções franquistas, e outras medidas mais positivas do que a coparticipação dos lucros que

só serve para alarmar o capital que se necessita tranquilo nas industrias que não sejam escandalosas.

Acerca das fortunas existentes no estrangeiro até já cheguei a limitar o minimo que se poderia guardar nesses Bancos alheios e sobre o caso tenho que formular largas considerações.

O capital portugês e dos países similares imigra por duas razões. A primeira é a desconfiança nos governos. Por cada libra que sai é um passo a mais para o agravamento do cambio mas a culpa dessa retirada está — para este caso que classifico em primeiro lugar — no medo de as perder. Se os governos trouxessem consigo a maneira honesta de dirigir, de se encaminharem para o justo equilibrio, bem diferente seria o aspecto desta questão. No tempo de Sidonio — e já a guerra torturava o mundo — a libra estava a 6000 reis.

Porquê? Num repente renasceu a confiança.

Vejam, agora, a segunda razão — e essa é a criminosa — da saída dos capitaes mais numerosos, do nosso país. Houve muita gente que roubou fingindo negociar, traficou, entrou em grandes especulações. Ha outra que continua a fazer o mesmo. A moagem, por exemplo, lança anualmente para alem fronteiras uma grande parte da fortuna publica, receosa de um dictador que lhe sequestre os bens ou dum partido chegado ao poder e que tome essas medidas. As consciências alarmadas geraram a primeira crise, os receosos do futuro continuaram-na, num justo alarme, tentando a sua salvação pessoal.

Não é um governo radical — embora algumas das suas intenções e de suas medidas sejam tão necessarias e tão boas que um dictador as aproveitaria com meu aplauso — que póde socegar os homens do capital honrado.

No radicalismo eles querem vêr a expropriação de tudo quanto sejam fortunas e não apenas das mal adquiridas; no programa radical, que o *Diario de Noticias*, publicou, os, descrentes dos predecessores republicanos, imaginam a miseria a aguarda-los.

Ora é aí que está o perigo bem como nalgumas das disposições desse programa.

Uma coisa é castigar os especuladores de toda a casta e outra tocar no capital honesto. Pode-se levar um patrão a contribuir, por exemplo, com uma quota a dobrar da paga pelo operario, para uma Caixa de Pensões e Reformas mas nunca a dividir, por uma lei, os seus lucros com os trabalhadores embora lhes faculte diversas maneiras de os compensar de seus labores.

Depois a palavra *radicalismo* assusta aqueles que tem a perder e sem a largueza do *bolchevismo*, impossivel em Portugal, conforme ainda ha dias concordava com Campos Lima, um dos apóstolos avançados, aquele partido não passa duma modalidade republicana a cujas intenções, embora dignas de ponderação, ainda não deram suas adesões as figuras de maior renome.

A diferença que existe entre aquele programa e o anunciado já pela reforma de character nacional que preconizam alguns monarchicos e varios republicanos está apenas na falta de equilibrio entre o que se pretende tirar e o que se deve, na realidade, tomar e entre o que se oferece ao povo e amanhã não se lhe poderia doar.

Que é necessario saír-se do actual estado de cousas não ha duvida mas a maneira está em aproveitar os homens de todos os partidos numa

ação comum, apoiada pelo exercito e servida, na chefia suprema, pelo representante tradicional da nação ou por um dictador de mão firme. O resto é a marcha para uma confusão maior. É certo que serão castigados alguns prevaricadores mas—como no 19 de outubro—ver-se-hão inocentes sacrificados fugindo os verdadeiros responsaveis do mal deste país: os politicos republicanos que, de braço dado, com alguns financeiros e especuladores do commercio, nos teem conduzido à ruina. São esses, a que o comandante Procopio de Freitas flagelou nestes termos que todos sentimos absoluta e cabalmente, verdadeiros:

—«A razão de vivermos sem tranquillidade reside no facto singular de não se respeitarem as leis! A Republica é uma verdadeira ficção! (*Apoiados*). Se um governo, fosse ele qual fosse, tratasse da carestia da vida e metesse na cadeia os gananciosos, a ordem estaria naturalmente assegurada. Assim, são os governos que fomentam a desordem, tal como certos individuos que vivem na abastança e que teem Bancos e Companhias ás suas ordens. (*Muitos apoiados*). Os ordenados de certos politicos, que o Estado lhes dá, são simples gorjetas em relação aos que eles recebem dos Bancos que defendem e que estão causando a ruina nacional! (*Apoiados*)».

Em grande parte, os portuguezes, pensam deste modo mas receiam os exageros de que os radicaes são capazes na sua anciedade de actuar. Ao mesmo tempo, a recordação do 19 de outubro, que eles condenam é certo, perturba-nos profundamente. Falta-lhes a serenidade dos trabalhistas, expressa nas palavras de Thomas, o novo ministro das colonias britanico, diante do principe de Gales aos quaes resumavam um apelo à ordem satisfazendo, todavia, as reivindicações. Os radicaes falam como todos os partidos fóra do poder; os seus homens não teem experiencia do mando; nenhum deles sentiu ainda as dificuldades. Dir-me-hão que aos trabalhistas britanicos succede o mesmo. O caso é diferente; eles não vão fazer uma aventura mas tratar duma renovação das leis que em Inglaterra se cumprirão.

Aquele libelo, produzido por uma das figuras mais focadas do partido radical, é uma verdade sem par mas não se remedeiam taes males com os elixires no Porto preconizados por uma maioria dissidente do partido que nos conduziu a esta situação: o democratico.

Alguns dos seus homens, que bem conheço, teem fé, como succede com Lopes de Oliveira e com José de Macedo, Celorico Gil, etc., mas é pouco, é nada; os outros como Vieira da Rocha, Tomaz da Fonseca, etc., estão cheios de coerencias mas apenas irão para uma tentativa agitadora, embora cheguem legitimamente ao mando.

A expressão é sintetica: A maioria do país concorda com aquele expoente do comandante Procopio de Freitas mas tem medo que os radicaes exagerem os seus designios e que lhes falte a força para coibirem os excessos. O actual governo vai cair e se os radicaes forem chamados ao poder voltarão, em breve, ao ostracismo, após mais alguns tiros, e bastas desilusões.

A Conta do Grande Hotel

As despesas e os orçamentos — Os pequenos
nadas somam contos — A parcimonia e o de-
côro — Os charutos de pataco para os convida-
dos — O suor dum chefe de estado

Decididamente estamos em presença dum governo parcimonioso e eu, se fosse deputado, embora tivesse meu lugar entre o Carvalho da Silva e o Manuel Duarte, diria na Camara o que deixo aqui exarado, diante do seguinte projecto relativo á viagem presidencial ao Porto:

Artigo 1.º E' aberto no ministerio das Finanças, a favor do mesmo ministerio, um credito especial da importancia de 10 contos, para ocorrer ás despesas com a viagem ao Porto de S. Ex.ª o Presidente da Republica, importancia que deverá ser inscripta no orçamento do mesmo ministerio, para o corrente ano economico, no capitulo 25.º, artigo 95.º, sob a rubrica «Despesas com a viagem de S. Ex.ª o Presidente da Republica ao Porto».

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

É duma avaresa sem precedentes semelhante verba, que não está em harmonia com os habitos do actual chefe de estado. S. Ex.ª é um *gentleman* e um *gentleman* não acompanha senão com pessoas de habitos de sociedade. Para demais leva consigo o Protocolo e esse é de muita despesa. Junte-se-lhe um secretario geral da presidencia, um secretario particular, um ajudante e dois creados, um de quarto, porque um *gentleman* não póde dispensar certos cuidados de *toilette* e intimos, e um de sala, porque, sendo esse *gentleman* chefe dum estado europeu, não póde utilizar os servos como o rei do Dahomé, que mandava os ministros preparar a galinha de piripiri.

Temos, por consequencia, pelo menos, a seguinte despesa:

Aluguel do primeiro andar do Grande Hotel, 18 divisões — trez contos. E é de graça, um conto de reis por dia, com mobilia, pois fica mais barato que qualquer chalet em Cae Agua. Ponhamos, pois, essa quantia e acrescentemos-lhe 450\$000 reis para banhos, com essencia, porque os cinco *gentlemans*, pelo menos, entram na casa de banho. Acrescentemos-lhe o almoço, o jantar, o *petit dejeneur* e chá das 5 — visto os habitos de Londres serem do protocolo — e dois convidados por dia, conforme se acentua nos habitos presidenciais de Belem e ver-se-ha que o governo pediu muito pouco para a viagem do senhor Teixeira Gomes ao Porto.

Eu bem sei que a capital do norte é hospitaleira, é mesmo tão ge-

nerosa como o seu vinho, que o chefe de estado capitula de Port-Wine, exactamente como chama a Lourenço Marques, Delagôa Bay, pois embirra com os Lourenços por serem da catolica Braga e com os Marques porque o das barbas andou pegando em pendões na procissão do Senhor dos Passos, no tempo em que o actual presidente da republica deixava o seminario, com um ano perdido, afim de não seguir a carreira e entrar na tropa, onde perdeu outro ano, visto detestar tanto o militarismo como a religião nos arcanos do seu juvenil, mas já radicalissimo espirito. Dir-me-hão que não se conjugam tendencias populares com luxos de cerimoniais, mas nem todas as palavras veem do coração, e Lenine—morto ha dias—apesar de usar sempre bonet de *chauffeur* e *blouse*, dormia no velho leito de Catarina, a Grande.

Mas eu ia tratando de contas e não resisto á tentação de as apresentar, em sua eloquencia formidavel, para quebrar as veleidades de se dizer que se gastou demais com a viagem ao Porto.

Aluguel do primeiro andar do Grande Hotel	3.000.00
5 almoços a 5 pessoas, a 65 escudos, durante 3 dias .	975.00
5 jantares, idem, a 80, idem, idem	1.200.00
5 Petits dejeneurs a 15, idem, a 30, idem, idem	225.00
15 Chás das 5, idem, a 30, idem, idem	1.350.00
2 convidados, almoço e jantar, a 140 escudos, idem . .	870.00
2 creados, sem banho, sem chá e sem petit dejeneur .	600.00
Jornais	6.00
	8.226.00

Como se vê não se pode gastar menos e qualquer de nós, embora sem ser à custa do Estado ou duma Camara, pouco poderia poupar na aposentadoria e nos comestiveis mesmo bebendo vinho comum. O Porto, decerto ofereceu o seu esplendido Evel para as refeições presidenciaes juntamente com o Grandjô magnifico. A Real Companhia Vinicola, na sua costumada gentileza, não se pouparia a enviar ao hospede da Cidade do Trabalho algumas garrafas da sua preciosa Reserva. Sem a gracilidade dos portuenses em vinhos a conta teria sido a dobrar. É certo que ignoro se, realmente, se fez esse presente porque vindo da Real Companhia ele não afogaria os paladares jacobinos embora de *gentlemens*. De Champagne, sei eu que se abriram umas vinte garrafas, apenas vinte, e as visitas consumiram umas quinze. Era do mais modesto, um vinhito de rotulo estrangeiro de barulho seguro como os morteiros mas de pouca reputação, ainda como eles. Custou, todavia, o preço normal de 100.000 reis a botelha cu sejam 2.000.00.

Não podia deixar de se oferecer charutos e veiu uma caixa dos antigos de pataco, que esão actualmente a 2000 reis, prefazendo, por consequencia, os cem *Reynitas*, sempre esta perseguição de nomes realengos num sequito presidencial, a quantia de mais 200.00.

Ha a juntar como extraordinarios em licores da *Ancora*, em homenagem à marinha e que estão assim averbadas:

20 calices de Triplice Sec a 5000	100.000
10 calices de Escarchado a 4000	40.000
10 calices de Vignac a 3000	30.000
	170.000

Um chá extraordinario para cinco pessoas à noite, no regresso do teatro.	150.000
Mais dois banhos para s. ex. ^a após as conferencias.	60 000
Cinco garrafas de agua de Vidago a 2.000.	10.000

A soma é a prova de que a Casa Presidencial ainda ficou empenhada pois gastou em vez dos 10 contos, no estricto, no indispensavel: 10.816.00 ou sejam 816.000 reis a mais o que é um dia e meio de trabalho do chefe do Estado que lhe custará o seu suor na ardua tarefa de passear na Tapada, visitar os depositos da Companhia das Aguas, vêr a esquadra da varanda da Torre de Belem e jogar a bisca, a sete e meio, com os officiais da guarda.

Uma questão importantissima esqueceu nessa verba votada para a viagem e que tambem, embora não conste de documentos, é de ponderar: as gorgetas.

Um *gentlemen*, com seus comensaes, instalado, durante tres dias, num hotel, não podia, decentemente, distribuir aos creados que o serviram menos de 100.000 reis a cada *camarero* ou sejam mais 500.000 a cada um dos seis de serviço a sua excelencia: o chefe de mesa e os dois ajudantes, o do corredor, o *groom* e o engraxador. São mais 3.000.000 contos; mais 6 dias de faina, mais 144 horas de suor intelectual, regando a tarefa do presidente.

O barbeiro aboliu-se por três dias. A comitiva voltaria com a barba por fazer e o chefe do Estado com mais cabelos brancos na pera não só por ter arcado com despesas extraordinarias, com que não pode, mas, sobretudo, pela mesquinha de seu economico governo.

Era isto o que eu diria à Camara bebendo o copo d'agua com que se lubrificam as eloquencias e se se engolem os marmelos crus.

P. S. — A Camara do Porto deliberou, ante a mesquitez, pagar todas as despesas presidenciais, deixando os 10 contos para o bolsinho de sua ex.^a, que recebe, por sua vez, uma gorgeta da Cidade Invicta, onde deliberou ficar mais 10 dias pelo preço.

Se o sr. Teixeira Gomes não fôsse riquissimo desde 1914 — a epoca da guerra — a generosidade portuense ter-lhe-hia sugerido uma maneira de não sair pobre do poder.

Bastava-lhe percorrer o país, mesmo em suas terras modestas, numa *tournée*, não desdenhando contactos na Moita nem festas em Pico de Regalados.

Os Bastidores da Historia Contemporanea

Ditos, sínteses e comentarios de Teofilo

Teofilo adorava as sínteses e rapidamente as fazia. Não pertencia áquella classe de literatos — da qual Junqueiro era o padrão — que pacientemente, em casa, trabalham a frase a intercalar na conversa e que no assunto provocado se entalha entre gargalhadas. Fialho tambem arranjava assim os seus ditos. O historiador, que morreu ha dias, como possuia uma fantasia mais viva e não cuidava de lapidar preciosamente as réplicas nem as opiniões, tampouco os dizeres, vibrava, e era espontaneo.

Assim, nos encontros que com ele tive em casa, na Academia, ou antes, em seus corredores, pois primava em não lhe frequenter as salas, na rua, na propria redação do ABC, onde foi tres vezes, consegui recolher diversas impressões, que devo arquivar agora, que já não geram a discussão nem apontam às iras o homem, que varias vezes defendi até de meus correligionarios.

*

* * *

Um dia, diante da redação da *Luta*, no portal da livraria do Tavares, ele, apontando as lampadas coloridas que se espetavam na fachada, murmurou contra os que titulava de «*pandorgas ali de frente*». Mostrei-lhe a magresa do sr. Camacho e ele replicou-me com os abdomens dos senhores José Barbosa, Inocencio Camacho, Aboim Inglês, como simbolos do partido, e, numa das suas sínteses, decidiu:

— São eles os que trazem a republica nas barrigas, pois a enguliram às postas.

*

Acêrca da propria instituição, que desejava doutra maneira, explicava:

— Era o caldo substancial, feito para o povo, com a agua que criava boas hortaliças e vinha duma rocha limpida. A couve já não presta. Tem duas lagartas: o Camacho e o Almeida.

Certa tarde tropeou um esquadrão na travessa de Santa Gertrudes. Tratava-se de ir a Belem receber as credenciais de um plenipotenciario. O sr. dr. Bernardino Machado, que morava ali perto, na travessa do Pinheiro, lembrou-se de mandar buscar o chefe do governo provisório com aquele estadão. O velho filosofo costumava espreitar, por de traz de sua cortina, as pessoas que batiam à sua porta, a vêr se as devia receber, e, ao deparar com tanta tropa, ordenou à criada que deixasse entrar o sr. capitão, como ele chamava a todos os militares agaloados. Desta vez, acertava. O capitão entrou; começou a explicar-lhe que comandava a guarda de honra que o devia levar a Belem, e, então, num ar doce e calmo, o professorolveu:

— O trem fica... os soldadinhos não...

— Mas o sr. ministro dos estrangeiros... o ministro da guerra... as ordens...

— Não... não... Os soldadinhos não... Quando não, eu vou ali acabar um capitulosinho...

Desta vez salvou-se de acompanhamento de pompa, mas, um dia, veio, de esquadrão, o proprio dr. Bernardino Machado e tais cousas disse que o levou. Dei a Teofilo uma fotografia, em que o representava cumprimentando o povo e que foi publicada na *Ilustração Portuguesa*. Ao vê-la, exclamou:

— Eu não vou a cumprimentar... Vou a esconder a cara com vergonha do povo de Alcantara... Só não consegui tapar os ouvidos... Mas veja o que é o instincto da rua... O que diziam... — Olha... olha... O Bernardino a fingir que é rei... E eu, varado, a tapar a cara.

Após o 14 de maio, quando chegou à presidencia, de facto, não modificou a sua vida. Certo funcionario, que andava mais em contacto com ele, arranjou maneira de se promover num despacho, á alta categoria na presidencia da republica, e que ambicionava pelo ordenado e representação.

Percebeu-o e fingiu que não viu o documento. Narrava as suas impressões do facto: Fiz como D. Pedro V, meti o papel debaixo dos outros... E, quando ele teimou, disse-lhe apenas:

— Ah! falta uma assinatura... A minha?!... Pois, meu amigo... Esse despacho fica para segundas leituras...

— Mas porque não lhe fez a vontade?

— Porque, assim como estou convencido de ser a simplicidade o que convem à republica, sempre detestei os pintalegretes.

Batendo na gaveta onde tinha as cartas escritas por varios individuos a Camilo, fazendo a intriga durante a luta entre os dois illustres escritores:

— Meu amigo... Isto foi um presente do Chardron, a quem o proprio Camilo as dera... Não é uma gaveta o lugar onde as guardo... Lembra-me uma boceta, na qual colecionasse lendias...

Hei de demonstrar que Herculano ou foi inepto ou mentiroso na sua *Historia de Portugal*, pois tenho provas de que já sabíamos fazer municipios antes da vinda dos romanos à península. O que ele tinha era estilo de mais e bases historicas de menos.

Em 1906 fiz uma entrevista com Teofilo e durou cinco horas com a conversa e o *lunch*, que o sabio me quiz oferecer, no 1.º andar da sua casa. Terminava dêste modo a narrativa:

— É áquela porta não bateu ninguem... ninguem... Em 1910, af por 10 de outubro, proclamada a republica, encontrei o escritor na volta do Municipiq para a Rua Nova do Almada, onde costumava ir ao alfarrabista Caldas Cordeiro. Ao vêr-me, abriu os braços e exclamou;

— Vá lá a casa, agora... Aquilo é que é bater...

Após a morte da esposa, que sentiu profundamente, e a doença duma velha criada, o filosofo deliberára mandar vir o jantar da rua de S. Bento ou da esquina do largo de Estrela, casas modestas e de preços rasoaveis.

O almoço preparava-o com o que ficava da refeição da tarde e assim vivia. Dizia lembrar-se dos seus tempos de Coimbra e acrescentava: E até comeria um jantar de graça, se quizesse pagar seis adiantados...

— Oh! Mas, então, se fosse ao mês, saía ainda mais em conta...

— Nada disso. Se eu morresse, lá ficava o homem com o dinheiro...

Eu tenho o que tinha em 1910, com mais umas economias nascidas do meu trabalho... Os outros! os outros!... Dizem-me que o Afonso até tem um chalet na Suissa... Na Suissa!

Esta minha casa, com tudo quanto tem dentro, fica para a Camara Municipal da minha terra. Os livros transportam-se e faz-se lá uma escola, na qual não será esquecida a minha memoria.

Falava assim Teofilo em 1902.

Passados anos, dizia:

— Isto, quando eu morrer, fica exactamente como está. Será o Museu Teofiliano. Deixo-o à Camara de Lisboa, com a condição de tratar de tudo e do jazigo onde já estão os meus filhos e para onde quero tambem ir...

— Ó dr., mas então já não é Ponta Delgada que herda?

— Nada... nada... Nem um c..... — o Mestre desbocava-se muito — Receberam muito bem o rei, quando foi às ilhas...

Tendo precisão de um concerto no telhado da sua residencia, estava a contratar com um dos operarios das obras da Academia o preço do trabalho.

— É que, antigamente, fazia-o eu... Mas, agora...

— Ora, sr. dr... Nem lhe fica bem...

— Mas, então, quanto leva você?...

Tratava-se de duas telhas e um rebôco e o homem pediu 50\$000 réis.

Deu um salto e conteve a palavra ladrão. Vibrava indignado.

O outro, pisporrante, clamava, em nome da liberdade de trabalho, das suas necessidades, dos direitos dos proletarios.

Ele meteu o guarda-chuva debaixo do braço, veio comigo, no seu passinho miudo, pelo corredor dos Frades e disse-me:

— E fui eu que lhes ensinei aquilo tudo...

ROCHA MARTINS

O MARQUEZ DE POMBAL PUPILLO DOS JESUITAS

Sensacionaes revelações sobre as relações
do ministro de D. José com os homens da
Companhia de Jesus.

Foi posto à venda o belo volume, ilustrado com documentos e gravuras da epoca.